

DESARROLLO SUSTENTABLE, NEGOCIOS, EMPRENDIMIENTO Y EDUCACIÓN

ECONOMIA COMPARTILHADA DAS TIC'S E AS PREMISSAS SCHUMPETERIANAS

Ms. Marcelo Maia Rêgo Toscano¹

Bruno dos Santos Lins²

Phd. Ericê Correia³

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Marcelo Maia Rêgo Toscano, Bruno dos Santos Lins y Ericê Correia (2021): "Economia compartilhada das TIC'S e as premissas schumpeterianas", Revista de Desarrollo Sustentable, Negocios, Emprendimiento y Educación RILCO DS, n. 17 (p.p. 50-64, marzo 2021). En línea:

<https://www.eumed.net/es/revistas/rilcoDS/17-marzo21/economia-compartilhada-tics>

Sumário

As transformações sociais e a adaptação dos modelos de negócios impostos pelas Tecnologias da informação e comunicação são cada vez mais evidentes. Contudo, premissas estudadas pelo economista e cientista político austríaco Joseph Alois Schumpeter esclarecem os fatores das mudanças desses novos modelos de negócios que se inserem na Economia Compartilhada. Este artigo tem como objetivo relacionar as premissas percebidas por Schumpeter em suas obras com os formatos de negócios da Economia Compartilhada. A metodologia utilizada é descritiva e limita-se a fontes bibliográficas. Por fim, é pretendido tirar conclusões que auxiliem no desenvolvimento dos modelos de negócios da Economia Compartilhada.

Palavras chaves: Economia Compartilhada, Tic's e Teoria Schumpeteriana

SHARED ECONOMY OF TIC'S AND SCHUMPETERIAN PREMISES

Summary

Social transformations and the adaptation of business models imposed by Information and Communication Technologies are increasingly evident. However, assumptions studied by Austrian economist and political scientist Joseph Alois Schumpeter clarify the factors behind the changes in

¹PhD student in Public Policy, Department of Social, Political and Territorial Sciences, University of Aveiro, marcelomrt@ua.pt

² Master's Degree student in Political Science, Department of Social, Political and Territorial Sciences, University of Aveiro, brunolins@ua.pt

³ Assistant Professor at the Business Faculdade de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do Cabo de Santo Agostinho, ericecorreia@gmail.com

these new business models that fall within the Shared Economy. This article aims to relate the assumptions perceived by Schumpeter in his works with the Shared Economy business formats. The methodology used is descriptive and is limited to bibliographic sources. Finally, it is intended to draw conclusions that assist in the development of the Shared Economy business models.

Keywords: Shared Economy, Tic's and Schumpeterian Theory

1.INTRODUÇÃO

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) estão transformando as maneiras da sociedade se relacionar, fazer negócios e tantos outros aspectos e desafios que essa nova onda tecnológica conduz para os "*policy makers*" e atores que são atingidos por essa nova revolução.

Essas mudanças parecem não ser novidade para o autor Joseph Alois Schumpeter. Ele em suas obras, e principalmente no livro "ciclo econômicos", trata de ciclos tecnológicos e suas consequências, motivações, problemáticas e efeitos. São estes efeitos que podem auxiliar os principais atores envolvidos nos novos modelos de negócios chamado Economia Compartilhada e os atores públicos para fomentar as vantagens e mitigar os problemas.

Por este motivo, pode-se utilizar das premissas de Schumpeter para tentar prever as consequências e efeitos da Economia Compartilhada trás para a sociedade e os desafios para "*police makers*". Essas previsibilidade das atividades dos ciclos econômicos podem auxiliar a tomada de decisão e maximizar o período de bonança nas economias.

Este trabalho tem com pergunta de partida: "Quais e como as premissas de Joseph Alois Schumpeter, do início do século passado, podem auxiliar na tomada de decisão dos tomadores de decisões desse século para mitigar os problemas e fomentar as vantagens da Economia Compartilhada incrementada pelas Tic's?" Responder essa pergunta abre uma oportunidade para um debate de como os decisores podem atuar frente ao modelo de negócios pouco conhecido que é a Economia Compartilhada.

Este artigo está assim dividido: no capítulo 1 uma breve história dos estudos de Schumpeter e os ciclos econômicos. O capítulo 2 apresentamos a metodologia que foi utilizada neste trabalho. No capítulo 3 é feita a relação entre a teoria dos ciclos econômicos de Schumpeter e a problemática da Economia Compartilhada que veio com as TIC's. Por fim, o capítulo 4 refere-se sobre conclusão deste trabalho. É esperado que as conclusões auxiliem os atores envolvidos com esses novos modelos de negócios.

2. REFERENCIAL TEORÍCO

O economista e cientista político austríaco, Joseph Alois Schumpeter, talvez tenha sido o maior influenciador das teorias sobre ciclos econômicos. Schumpeter escreveu 4 livros de grande relevância para economia: A Teoria do desenvolvimento econômico, 1911; Business cycles, 1939; Capitalismo, socialismo e democracia, 1942; História da análise econômica, 1954. Este último foi publicado depois da sua morte.

Como obra principal de Joseph Alois Schumpeter (1939) para esse capítulo, o seu livro "Business Cycle" ou "ciclo de negócios" recebeu uma atenção especial. O livro tem 1.095 páginas e 15 capítulos. Os principais tópicos do livro para essa análise debatem a noção de norma em geral dos ciclos, em seguida a de norma teórica; em terceiro, trata-se do tema: "Como o sistema econômico gera evolução", que expõe as teorias da inovação, do papel do empresariado e dos empreendedores e o papel do sistema monetário e bancário no processo de evolução; por último, expõe um esquema descritivo do ciclo econômico.

Os principais tipos de ciclos de negócios enumerados por Schumpeter (1954) e foram nomeados com o nome de seus descobridores: o ciclo de inventário de Kitchin (3-5 anos); o ciclo de investimento fixo de Juglar (7-11 anos); o ciclo de investimento em infraestruturas de Kuznets (15-25 anos); Onda Kondratieff ou ciclo (45-60 anos). Em seu livro, Schumpeter sugere que os ciclos de curto, médio e longo prazo desses autores se sobrepõe em uma grande onda.

Para Schumpeter (Ekerman & Zerkowski, 1984) o BOOM começa em um ou em poucos ramos da indústria (construção de ferrovias, indústrias químicas e elétricas etc.) e que recebe o seu caráter das inovações na indústria em que se inicia. São os pioneiros que removem os obstáculos para os outros, não apenas no ramo da produção em que primeiro aparecem, mas também *ipso facto* em outros ramos, devido à natureza desses obstáculos. Quais foram os pioneiros da Economia Compartilhada das TIC's? Aqui podemos colocar a internet como estrutura central para o desenvolvimento dessas empresas como caminho estrutural a ser seguido.

Ebay e o Craglist foram os pioneiros na venda de produtos usados. Quem se beneficiou com esse mercado foram a Amazon e a Aliexpress. Por exemplo, o Ebay sofreu no começo de como fazer com que as formas de pagamentos fossem seguras, a utilização de pontuação para reputação fosse inserida, as formas integradas de entregas fossem aplicadas pelas entidades de entrega como Fedex e Correios. Ou seja, as empresas da EBAY e Craglist removeram obstáculos dos mercados de vendas de produtos usados e novos, auferindo os lucros iniciais sozinhos, mas as empresas que copiaram esses modelos levaram vantagem pois já pegaram o modelo de negócio sem muitos problemas, podendo servir ao mercado com maior eficácia e eficiência.

Estes fatos levam a tentar associar as características dos movimentos dos ciclos econômico de Schumpeter com os movimentos das características das empresas da Economia Compartilhada. No próximo capítulo trataremos como essas características contemplam a problemática da Economia Compartilhada e as problemáticas estudadas por Schumpeter com as inovações de seu tempo.

3. METODOLOGIA

Para este trabalho foi feito uma revisão de literatura do autor e pesquisador Joseph Alois Schumpeter. Com isso pretendeu-se averiguar os livros e alguns artigos científicos do autor com a finalidade de elencar características existentes nos ciclos econômicos estudados pelo autor e fazer uma analogia com os principais modelos de negócios da Economia Compartilhada. Foi feito uma análise de conteúdo para auxiliar o processo de pesquisa. Esta secção terá como função subsidiar as comparações da pesquisa com a teoria.

Essa análise é a etapa da organização do material. Tem por finalidade sistematizar as coletas de documentos, as leituras e os materiais utilizados. Na segunda etapa, a exploração do material, a finalidade é um estudo detalhado e aprofundado, dirigido pelas hipóteses e referenciais teóricos. Na última etapa, o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, é direcionada para um exame dos resultados. Nesta etapa o pesquisador deve fazer uma análise dos dados e uma crítica dos textos (Pocinho, 2012).

A análise documental poderá cooperar para este trabalho no entendimento do posicionamento do adiantamento e crescimento da Economia Compartilhada pelo mundo. Ainda mais, tem o objetivo de abastecer dados dos governos em relação a Economia Compartilhada. Aqui consistir em explorar documentos do tipo:

- Documentos Governamentais, Pareceres, Consultas, Ações judiciais.
- Artigos em jornais, revistas, entrevistas, sites e entidades especializadas.
- Documentos ou Posicionamentos de entidades como: Universidades, Consultorias, Institutos de Pesquisa.
- Conferências, Apresentações, Seminários de conhecedores sobre o assunto EC.

A justificativa deste trabalho começa por tentar auxiliar os atores que recebem os efeitos da Economia Compartilhada a mitigar seus problemas e maximizar os seus benefícios. O trabalho tem com objetivo principal trazer a luz das premissas dos ciclos econômicos de Schumpeter e encaixar nos efeitos que envolvem o modelo de negócio da economia compartilhada. Como hipótese se pode testar que os ciclos econômicos estudados por Schumpeter pode trazer soluções para problemas ocasionados pelos novos modelos de negócios e maximizar seus benefícios.

4. A RELAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DOS CICLOS ECONÔMICOS DE SCHUMPETER E OS EFEITOS DO MODELO DE NEGÓCIOS DA ECONOMIA COMPARTILHADA

Neste capítulo será abordado as relações entre as características dos ciclos econômicos estudadas na obra de Schumpeter e as características que foi encontrado nos estudos sobre a Economia Compartilhada que são contempladas com as TIC's. Essa análise serve para entender como o Schumpeter em meados dos anos de 1940 entende como as crises e as bonanças se caracterizam e que pode contribuir para tomar decisões futuras sobre a Economia Compartilhada. A seguir apresentamos essas relações.

4.1. Abertura do mercado estrangeiro para empresas da nova economia

Para Joseph Alois Schumpeter (1939) os modelos iniciais servem também diretamente a outros ramos, como por exemplo a abertura de um mercado estrangeiro, deixando-se inteiramente à parte as circunstâncias de importância secundária que logo aparecem — preços crescentes etc. Assim, os primeiros líderes são eficientes além da sua esfera imediata de ação e desse modo o grupo de empresários cresce ainda mais e o sistema econômico é impulsionado mais rápida e completamente do que o seria por qualquer outro meio para o processo de reorganização tecnológica e comercial que constitui o significado dos períodos de boom.

4.2 Aparecimento em bloco dos empresários (indica prosperidade) e redução do lucro empresarial (indica recessão)

Como sugeriu Schumpeter (1939) as indústrias nas quais ainda há concorrência e grande número de pessoas independentes, vemos antes de tudo o aparecimento singular de uma inovação — em grande parte dos casos em firmas criadas ad hoc — e depois vemos como as firmas existentes a agarram com rapidez e perfeição variáveis, primeiro algumas firmas depois muitas outras. Associa-se a esse fenômeno, em conexão com o processo de eliminação do lucro empresarial.

De acordo com Schumpeter (1939) é normal durante o processo existir um número cada vez maior de empresários no mercado, embora progressivamente menos qualificados. Exemplos desse caso relacionados a Economia Compartilhada são os sites de venda coletiva. Esses sites surgiram nos EUA (Perez, 2003) e se espalharam por diversos países. O maior exemplo desse modelo de negócio é o Groupon. No Brasil a empresa surgiu com o nome de Peixe Urbano, onde os usuários compravam promoções de empresas parceiras do site, sempre com descontos maiores de 50% do preço original. Por se tratar de um modelo fácil de se copiar, diversos empresários locais montaram empreendimento idênticos ao modelo. O Peixe Urbano teve dificuldade de atender cidades pequenas e do Interior, onde os pequenos empresários conheciam bem os parceiros de suas cidades e o custo

era muito elevado para a Peixe Urbano enviar seus funcionários para atender esses pequenos centros.

Logo nos primeiros meses a Peixe Urbano tinha o domínio do mercado. A facilidade com que os concorrentes surgiram e o domínio da Peixe Urbano reduzia, reduzia também a lucratividade de todos os concorrentes. Todos esses concorrentes no mercado ocasionaram uma redução do lucro a quase zero. O que praticamente exigiu que as empresas deste modelo de negócios se adaptassem para seguimentos específicos. Por exemplo nasceu desse seguimento a empresa Hotel Urbano. Que trabalha somente com compras coletivas para viagens.

Ou seja, a entrada de muitos concorrentes em algum momento da prosperidade reduz a lucratividade das empresas e chegando essa quase zero em alguns casos. Esse processo se reproduz em alguns modelos de negócios das empresas da Economia Compartilhada. Podendo caracterizar um período de recessão.

Schumpeter (1939 p.220) resume:

brotam tantos empreendimentos novos, que produziram, em atividade plena, uma quantidade de produto que eliminaria o lucro empresarial, pela queda nos preços e elevação dos custos — o que naturalmente ocorre, mesmo se a indústria em questão obedecer à chamada lei dos rendimentos crescentes — então se esgota o impulso para um avanço a mais nessa direção.

O aparecimento de novos empreendimentos do mesmo seguimento, em atividade elevada, produziria muitos produtos culminando na eliminação do lucro empresarial. Conseqüentemente isso levaria a queda dos preços dos produtos e a elevação dos custos. Esse motivo reduziria o interesse de novos empreendimentos e ao esgotamento do avanço de interessados em investir no seguimento.

4.3. Mercados Protegidos

Neste tópico Schumpeter explica como uma empresa tradicional pode se proteger dos novos empreendimentos e como os novos empreendimentos podem ir à falência devido a algumas ações ligadas uma depressão após um BOOM. O autor explica que empresas tradicionais tem crédito facilitado pelas entidades financeiras devido aos seus históricos de transações. Já os novos empreendimentos são observados com certa desconfiança pelo mercado financeiro, pois as novas empresas não têm reservas de capital por serem novas. Desse jeito, qualquer mudança nas condições financeiras negativa dos empreendimentos novos se tornam mais visíveis e possuem mais destaque quando comparadas com os empreendimentos tradicionais. Como consequência o crédito em tempos de crise é mais escasso e mais custoso para empresas novo do que empresas tradicionais.

Isso deve se explicar da seguinte maneira: uma empresa antiga tem o amortecedor da quase-renda e, o que é mais importante, geralmente tem reservas acumuladas. Está envolvida em relações protetoras, em geral é apoiada com segurança por ligações bancárias de muitos anos. Pode estar perdendo terreno há anos sem que os seus credores fiquem apreensivos. Portanto, resiste muito mais tempo do que um novo empreendimento, que é fiscalizado rigorosamente e mantido sob suspeita, que não tem reservas, mas no máximo apenas facilidade de saque a descoberto e que só precisa dar um sinal de embaraço para ser considerado um mau devedor. Assim, a reação da mudança de todas as condições sobre os novos empreendimentos pode tornar-se visível mais cedo e mais destacadamente do que as condições sobre as empresas antigas. E, portanto, nos primeiros tal reação leva muito mais facilmente à conseqüência final, à falência, do que nas últimas, em que, mais provavelmente, inicia uma queda lenta.

Além disso, podemos destacar que empresas da nova onda, também sofrem mais com regulamentos e leis para impedir o avanço das suas atividades. Como um serviço tradicional nas grandes cidades os taxistas estão protegidos pelas leis e essas trazem tanto benefícios financeiros (isenção de impostos e acordos de financiamento mais baixos para categoria). Já as empresas de aplicativos de compartilhamento de veículos como a UBER, LYFT E CABOFY sofrem com os problemas como: falta de acordos de taxas de juros financiamento privado para os motoristas, forte desconfiança por parte dos bancos para financiar e aprovar crédito para motoristas, proibição parcial ou total de seus serviços, batalhas judiciais para manter os serviços em funcionamento (aumento de custo). Essa falta de apoio pode levar empresas de aplicativos de compartilhamento de veículos a falência em tempos de recessão e manter as cooperativas e os taxistas no mercado devido ao efeito quase renda.

4.4 O boom surge porque se investe mais capital

Em época de crise os bancos normalmente reduzem seus empréstimos e investimentos, se tem mão de obra em maior quantidade a dispostos a trabalhar por salários menores, matérias primas mais baratas pois a produção está parada, equipamentos estão ociosos, aluguéis mais baratos etc. Quando uma nova tecnologia aparenta ter um potencial econômico para crescimento e é identificado pelos bancos, esses últimos começam emprestar dinheiro a esse seguimento de mercado com juros mais baratos do que cobrados no mercado. Esse financiamento mais barato pode ser feito também por Governos. Os Governos podem subsidiar financiamentos de bancos públicos ou reduzir impostos cobrados a esses tipos de negócios. Dois exemplos ilustram políticas governamentais de incentivo a modelos de negócios com potencial de mudança tecnológica e de alto crescimento: No século XIX,

os bancos públicos na Inglaterra ofereciam empréstimos a menos de 4% aa para empresas têxteis investirem em mecanização de suas produções fabris. Na atualidade, os governos locais isentam ou reduzem impostos e taxas cobradas a empresas de tecnologia, como Google, Amazon, Facebook, para que se instalem suas atividades em cidades.

Schumpeter (1939 p. 203) afirma: “*Este capital se fixa em novos negócios, e que o impulso se difunde então pelos mercados de matérias-primas, trabalho, equipamento etc*”. Ou seja, que aumento do investimento ou do crédito mais barato em determinados setores de grandes mudanças (tecnológicas) fazem com que a economia comece a melhorar outros setores direta ou indiretamente.

Capital mais barato, insumos e mão de obra mais baratos, capacidade ociosa etc. são fatores explicados por Schumpeter que explicam a saída da economia da crise para o BOOM. Dito isto, vamos fazer uma relação com o que Schumpeter sugere com a Economia Compartilhada. Para autores da Economia Compartilhada como Belk (2007), Picazo & Martínez (2016) e Acquier & Pinkse (2017) os novos modelos de negócios recebem grandes quantias de investimentos privados e incentivos e subsídios de governos locais ou mesmo transacionais. Com isso essas empresas que recebem esse capital a um baixo custo do mercado utilizam-se da mão de obra barata e abundante (desempregados, imigrantes ilegais, idosos, autônomos), usam-se dos equipamentos ociosos como é o caso dos veículos utilizados pela Uber e os quartos utilizados pela Airbnb.

Para Schumpeter (1939 p.204) o investimento de capital não é distribuído uniformemente no tempo, mas aparece *em massa* por intervalos. Este fator é observado na época da produção em massa da indústria automobilística. Os investimentos nas indústrias automobilísticas tiveram grandes investimentos nos inícios do século XX nos EUA e alguns países da Europa. E novamente tiveram mais uma onda de investimentos em massa depois da segunda-guerra mundial em países como Japão, Coreia do Sul e Brasil.

4.5 O aparecimento da concorrência

Schumpeter (1939) acredita que o aparecimento de novos empreendimentos não nasce do velho, mas aparece ao lado deste e o elimina na concorrência, é o de mudar de tal modo todas as condições que se torna necessário um processo especial de adaptação. Autores como Denning (2016) e Koch & Brei (2016) da Economia compartilhada apresentam algumas modelos de negócios que aparentemente nascem ao lado de negócios antigos e acabam eliminando a concorrência, como é caso das Locadoras de Vídeos como a rede internacional Bluckbusters (DVD's) que foram substituídas por empresas como que utilizam as Tlc's para compartilhar filmes como a NETFLIX e AMAZON PRIME VIDEO. Ainda podemos usar como exemplo a Uber e a Tripadvisor que enfrentam resistências de mercados tradicionais como os mercados de taxis e os mercados de agência de turismo.

4.6 O ciclo da Economia e o boom secundário

Schumpeter (1939) argumenta que devidos a aumento muito substancial do poder de compra por toda a esfera dos negócios se inicia um *boom secundário*, que se espalha por todo o sistema econômico e é o veículo do fenômeno da prosperidade geral ou BOOM. Autores Felson & Spaeth (1978) elatam que modelos da Economia Compartilhada retratam essa realidade. Bieszczat & Schwieterman (2012) relata que idosos complementam suas rendas alugando quartos em suas casas, utilizando essa renda para pagamento de plano de saúde, viagens ou na compra de mercadorias. Koch & Brei (2016) descreve que imigrantes ilegais nos Estados Unidos trabalho em empresas de compartilhamento de carros e assim garantem todo o rendimento suficiente para aluguel de casa, pagamento das parcelas dos carros, compra de: alimentos, roupas, remédios etc. Assim favorecem ao crescimento do Boom secundário estudado descrito por Schumpeter.

Em resumo, Schumpeter conclui que as empresas fazem aquisições e compras maiores, os industriais alargam as operações, e meios de produção que estavam em abandonados retornam de novo ao uso. É por esta razão que a produção e o comércio acumulam temporariamente um lucro em quase toda parte, precisamente como num período com inflação. Muitos negócios se aproveitaram dessa "onda secundária", sem nenhum tipo de incentivo, impulso ou força propulsora de desenvolvimento para essas atividades. Os sinais de prosperidade por si mesmos tornam-se finalmente um fator de prosperidade, de modo como sabemos.

4.7 O comportamento das empresas concorrentes

Schumpeter (1939 p.218) afirma que: *no início do boom os custos se elevam nas empresas antigas; mais tarde suas receitas são reduzidas, primeiramente nas empresas com as quais concorre a inovação, mas, depois, em todas as empresas antigas, na medida em que a demanda dos consumidores se altera em favor da inovação.* A exemplo do Uber e os Taxistas. A entrada da empresa Uber no mercado, forçou as cooperativas de taxis investirem em tecnologia para poder funcionar nos smartphones. Além de ter que fazer grandes investimentos na parte estrutural da nova tecnologia, as cooperativas precisam investir em marketing e publicidade para tornar público suas mudanças e aumentando assim os gastos e reduzindo ainda mais os custos. Além disso, as empresas de outros setores começaram a utilizar o modelo do Uber para seus negócios. A própria Uber estendeu seu modelo de negócios para outros ramos de negócios, como é o caso da Uber Eats que entrega comidas.

Schumpeter (1939 p. 217) explica que as empresas tradicionais mantêm o funcionamento próximo do prejuízo que só é evitado por um amortecedor da quase-renda (lucratividade próxima do prejuízo), que é apenas temporariamente. E esse funcionamento próximo ao prejuízo não leva imediatamente a falências desses modelos tradicionais por dois motivos: esses ramos são em sua maioria bem estabelecidas e normalmente se beneficiam de créditos financeiros (privados ou governamentais)

que o mercado oferece para essas indústrias que ainda não foram retirados do mercado. Exemplo desse mercado são financiamentos com taxas de juros reduzidas para Taxistas por bancos privados e redução ou eliminação de impostos sobre a compra de veículos para Taxistas.

4.8 O aparecimento dos efeitos dos novos empreendimentos lava a uma deflação creditícia e posteriormente a depressão

Com o aparecimento de novos empreendimentos no momento do BOOM existe uma redução nas taxas de juros, pois as empresas no momento de ascensão do mercado conseguem honrar suas dívidas. Schumpeter (1936 p.219) argumenta que:

Devem eles se adaptarem à perturbação causada pelo boom, ou seja, pelo aparecimento de grupos de combinações novas e de seus produtos, pelo seu aparecimento lado a lado com as antigas firmas e pela unilateralidade de seu aparecimento. As firmas antigas — ou seja, teoricamente, todas as existentes, com exceção das formadas no boom, e também com exceção, na prática, das afastadas do perigo por uma posição de monopólio, pela posse de vantagens peculiares ou de técnica especial duradoura — se defrontam com três possibilidades: decair, se forem inadaptáveis por razões objetivas ou pessoais; recolher as velas e tentar sobreviver numa posição mais modesta; finalmente, com seus próprios recursos ou com a ajuda externa, mudar para outra indústria ou adotar outros métodos técnicos ou comerciais que significam aumentar a produção a um custo menor por unidade.

Para Schumpeter as firmas antigas, existentes antes do BOOM e as que não são monopólio, se deparam com 3 consequências e possibilidades relativas a sobrevivência do negócio:

- Decair
- Tentar sobreviver numa posição mais modesta
- E mudar para outra indústria ou adotar métodos técnicos ou comerciais que aumentaram sua produção a um custo menor por unidade

Aparentemente nesse caso verificamos que empresas tradicionais já se encaixaram nesses em um ou mais dessas consequências das depressões. Verificamos já o caso da Netflix e da Blockbuster, onde esta última decaiu em consequência do compartilhamento de vídeos por aplicativos. Empresas de turismo sobrevivem em posições mais modestas relativas a empresa de compartilhamento de viagens. E os Taxistas tentam se adaptar para se manter no mercado contra os aplicativos de compartilhamento de carros.

4.9 As novas tecnologias geram desempregos nas empresas tradicionais mas geram emprego nas novas

Schumpeter (1939 p.232) defende que:

Devemos distinguir dessas coisas o fato de que os novos empreendimentos eliminam completamente os estabelecimentos antigos ou então os forçam a restringir suas operações. Opondo-se ao desemprego assim causado, há seguramente a nova demanda de trabalho para a realização de novas combinações. O exemplo da ferrovia e da diligência mostra com quanta freqüência essa demanda contrabalança o desemprego criado. Mas isso não é necessariamente assim, e, mesmo que fosse, pode haver dificuldades e conflitos que, com o funcionamento incompleto do mercado de trabalho, têm um peso desproporcionalmente alto na balança.

Schumpeter argumenta que apesar da onda de eliminação de empregos ou a restrição do emprego nos estabelecimentos antigos, há uma demanda de trabalho para realização de novas atividades ou combinações de atividades. Na realidade Brasileira a maioria dos taxistas “arrendam” ilegalmente concessões de proprietários de taxis para rodar no tempo ocioso.

O valor desse arrendamento ao proprietário da “praça de taxi” pode ser transferido para empresas de locadora de carro ou até um financiamento bancário para compra do veículo para que o motorista se torne motorista de aplicativos de compartilhamento de veículos. Como não antigamente só quem poderia fazer transporte de passageiros individuais eram os taxistas e agora os aplicativos quebraram o monopólio, houve a transferência de mão de obra de uma empresa tradicional para empresas do novo modelo.

A nova demanda de trabalho mencionada acima, que surge quando a prosperidade está em plena marcha, também perde importância pelo fato de que eventualmente cessa a demanda dos empresários pelo trabalho que criou os investimentos.

4.10 O desemprego tecnológico

Para Schumpeter (1939):

Demonstra-se assim que o desemprego tecnológico é uma parte integrante do desemprego cíclico, e não deve ser colocado em oposição a este, como se não tivesse nada a ver com o ciclo. Esse elemento, presente praticamente em toda depressão, acarreta dificuldades grandes e dolorosas, mas, em sua maior parte, apenas transitórias.200 Pois a demanda real total

de trabalho não pode em geral cair permanentemente, porque, deixando de lado todos os elementos compensadores e todos os secundários, o gasto da parte do lucro empresarial que não é aniquilado pela queda dos preços necessariamente é mais do que suficiente para evitar qualquer contração duradoura.

Aqui teremos um dilema. De acordo com muitos especialistas (Stanford University, 2016) a inteligência artificial provocará um aumento maciço de desemprego sem que seja possível a realocação dos empregos. Aqui ficam os seguintes questionamentos: quais políticas devem ser empregadas para readaptar as pessoas para o mercado de trabalho? Verificamos nas pesquisas que existiu uma preocupação durante as décadas 1900 e 1950 com a formação de engenheiros: civis, elétricos, mecânicos etc. Será que o caminho da nova mudança seria investir em engenheiros da ciência da computação? Já existem programas governamentais nos EUA, que estimulam a formação desses profissionais. Aqui fica uma questão para melhor analisar.

Imaginemos que as empresas da Uber, Lyft, Cabofy, 99pop e outros aplicativos de caronas compartilhadas absorveu boa parte de trabalhadores ociosos da crise econômica de 2008. Porém o que pode ocorrer é com o pleno funcionamento dos carros autônomos esses trabalhadores serão substituídos pelas máquinas e ficaram novamente sem emprego. É necessário pensar em políticas públicas para absorver esses trabalhadores, pois é previsível essa nova onda de mecanização com a inteligência artificial que atingirá outros seguimentos rapidamente. O próprio Schumpeter em seu texto já deixa claro que a revolução começa em um seguimento e vai se alastrar para outros. Podemos estar observando esse alastramento de modo lento da mudança de "paradigma do acesso" que acontecerá provavelmente na indústria automobilística:

- Grande potencial de investimento e capital acumulado
- Misturando a produção em massa e inteligência artificial
- O consumo da população por carro relativamente alto,
- O pioneirismo das empresas de veículos em entender o perfil dos consumidores e a parar de ter posse do carro e sim de acesso.
- O Uber, LYFT, CABEFI, 99POP estão dando o ponta pé inicial para esse novo paradigma do consumo não ser mais de posse e sim de acesso.

Schumpeter não é, por princípio, contra a intervenção estatal, no sentido de eliminar o desemprego. Ele entende que, em condições especiais, pode-se criar uma situação de "depressão", oposta à de "recessão", no qual o sistema econômico não encontra forças interiores para sair da situação de desequilíbrio, do qual o desemprego é uma manifestação. Isto o diferencia de economistas como, por exemplo, Milton Friedman e Robert Lucas, que negam a possibilidade de desemprego involuntário. Em outras palavras, Schumpeter admite, dentro do raciocínio estritamente walrasiano, que os

trabalhadores ficam encaixados com a principal mercadoria que têm a oferecer, a força de trabalho, e que reduções de salário não têm o poder de eliminar este encaixe.

Schumpeter acredita que o Estado pode intervir para evitar o desemprego. Pode-se observar que caso a UBER consiga colocar carros autônomos em funcionamento. Algumas situações os aplicativos punem os motoristas sem muitas explicações. Os aplicativos excluem os motoristas ou suspendem temporariamente seus serviços.

4.11 Adaptação ativa e adaptação passiva

Suponha-se que o governo aumente a demanda por um determinado tipo de armamento. Schumpeter argumenta que

Mudança passiva consistiria em aumento de quantidade produzida do armamento, com aumento respectivo de custo e preço. Este impulso é propagado ao sistema econômico, por adaptação passiva de oferta e procura, sem alterações de gostos dos consumidores, Funções de produções das firmas e processos de provisão e fornecimentos. A mudança ativa, por sua vez, implicaria a produção de um novo tipo de arma ou de alterações nos métodos de produção da antiga arma. A propagação do impulso inicial implica alterações de gostos e/ou funções de produções e/ou processos de provisão e fornecimento. A classificação de mudanças em três categorias - a) gostos; b) métodos de produção; c) métodos de fornecimento - se deve ao sistema de equilíbrio postulado. Tal sistema pode ser completamente deduzido de: a) [unções de utilidade (gostos); b) funções de produção (métodos produtivos); c) quantidade e distribuição de recursos produtivos (processos de provisão e fornecimento). Assim, por exemplo, "ferrovias não surgiram por iniciativa dos consumidores". Os consumidores, em princípio, resistem a mudanças de gostos e terão que ser "educados" por métodos publicitários. A questão "soberania versus submissão" do consumidor é uma pendenga de jogo de palavras: a "prova do pudim" quanto à mudança de hábitos de consumos - provocada pelos produtores -'é a ratificação dos consumidores. Expost, portanto, o "consumidor é soberano".

Função de utilidade (gosto dos consumidores) de acordo Schumpeter os consumidores, em princípio, resistem as mudanças de gostos e terão que ser educados por métodos publicitários. As empresas de Economia compartilhada que utilizam as TICS fazem muitas propagandas e gastam muito

dinheiro tentando educar as pessoas a utilizar seus produtos. Uma problema para as TICs é a falta de educação ou resistências das pessoas para usar os novos serviços. Exemplo os idosos, deficientes, pessoas muito pobres que não tem acesso a internet ou smartphones etc. são pessoas que não tem predisposição de usar produtos da economia compartilhada.

5. CONCLUSÃO

A revolução tecnológica que as TIC's vêm causando trouxeram consequências para toda sociedade. Os novos modelos de negócios que fazem parte da Economia Compartilhada começam apresentar problemas e benefícios para a sociedade e para os decisores de políticas públicas.

Utilizando os ciclos econômicos estudados por Schumpeter pode-se inferir que algumas impactos econômicos e sociais estudadas por Schumpeter em seus ciclos são semelhantes aos acontecimentos na economia atual decorrente do crescente avanço dos modelos de Economia Compartilhadas pelo mundo.

Dentre as principais semelhanças estão: a abertura do mercado estrangeiro para empresas da nova economia, o aparecimento em bloco dos empresários (indica prosperidade) e redução do lucro empresarial (indica recessão), os mercados protegidos, o boom que surge porque se investe mais capital, o aparecimento da concorrência, o ciclo da economia e o boom secundário, o comportamento das empresas concorrentes, o aparecimento dos efeitos dos novos empreendimentos leva a uma deflação creditícia e posteriormente a depressão, as novas tecnologias geram desempregos nas empresas tradicionais mas geram emprego nas novas, o desemprego tecnológico e a adaptação ativa e adaptação passiva das empresas.

Estas características devem ser analisadas mais profundamente por tomadores de decisões para que se possa prever os futuros movimentos do mercado. Essa previsão do movimento do mercado pode prolongar os benefícios da Economia Compartilhada tanto para a sociedade como para os negócios que tem a intenção de perdurar por um bom período no mercado.

6. REFERÊNCIA

- Acquier, A., & Pinkse, J. (2017). Promises and paradoxes of the sharing economy: An organizing framework. *Technological Forecasting and Social Change*, (July), 1–35. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2017.07.006>
- Belk, R. (2007). Why Not Share Rather than Own?, (August), 126–140. <https://doi.org/10.1177/0002716206298483>
- Bieszczat, A., & Schwieterman, J. (2012). My Car Your Car: more and more people are drive a communal automobile. *American Planning Association*, 37–41.
- Denning, S. (2016). An economy of access is opening for business: five strategies for success.

- Strategy & Leadership*, 42(4), 14–21. <https://doi.org/10.1108/SL-05-2014-0037>
- Ekerman, R., & Zerkowski, R. M. (1984). A análise teorica schumpeteriana do ciclo econômico, 205–228.
- Felson, M., & Spaeth, J. L. (1978). Community Structure and Collaborative Consumption A Routine Activity Approach, 21(4).
- Koch, S. N. V., & Brei, V. A. (2016). Consumo Colaborativo , Acesso ou Compartilhamento ? Um Ensaio Teórico sobre a Distinção entre Conceitos e Práticas Título do Artigo: “ Consumo Colaborativo , Acesso ou Compartilhamento ? Um Ensaio Teórico sobre a Distinção entre Conceitos e Práticas ” Au. In *Clav2016 9th Latin American Retail Conference* (pp. 1–14). Sao Paulo: Fundação Getúlio Vargas.
- Perez, C. (2003). Rethinking Globalization after the collapse of the financial bubble: an assay on the challenges of the Third Millennium. In *First Globalics Conference Rio*, (pp. 1–17). Rio de Janeiro.
- Picazo, M. T., & Martínez, M. S. (2016). Claves de La Economía Colaborativa y Políticas Públicas. *Economía Industrial*, 402, 11–18.
- Pocinho, M. (2012). *Metodologia de Investigação e Comunicação do Conhecimento Científico*. Lisboa: Lidel - edições técnicas, Lda.
- Schumpeter, Joseph A. (1954). *Histoty of Economic Analysis* (1st ed.). Great Britain: Allen & Unwin Ltd.
- Schumpeter, Joseph Alois. (1939). *Teoria do Desenvolvimento Econômico*.
- Stanford University. (2016). Artificial Intelligence and Life in 2030, 52. Retrieved from https://ai100.stanford.edu/sites/default/files/ai_100_report_0901fnlc_single.pdf